



O Vilarejo é um lugar agradável, perfeito para se viver. Pena seus habitantes não se darem conta do privilégio que é morar lá, por desconhecerem tudo o que existe fora dele e, com isso, não terem base de comparação. Por sorte há, entre eles, uma menina curiosa que, movida pelo desejo de aventurar-se no desconhecido, um dia ultrapassará a fronteira de seu mundo, empreendendo uma jornada fabulosa, que redefinirá as medidas do tempo e do espaço.



BARCO
A VAPOR

Deslumbres e assombros

Lucas M. Carvalho

Ilustrações
Rafa Anton

DESLUMBRES E ASSOMBROS • LUCAS M. CARVALHO

sm

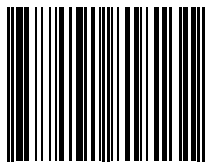
sm



PRÊMIO
BARCO
A VAPOR

1 8 2 7 4 5

ISBN 978-85-418-1813-1



9 788541 818131



Deslumbres e assombros

© Lucas M. Carvalho, 2016

Coordenação editorial: Graziela Ribeiro dos Santos
Assistência editorial: Olívia Lima
Preparação: Marcia Menin
Revisão: Carla Mello Moreira

Edição de arte: Rita M. da Costa Aguiar
Produção industrial: Alexander Maeda
Impressão: Eskenazi Indústria Gráfica Ltda

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Carvalho, Lucas M.

Deslumbres e assombros / Lucas M. Carvalho ;
ilustrações Rafa Anton. -- 1. ed. -- São Paulo :
Edições SM, 2017. -- (Coleção barco a vapor)

ISBN 978-85-418-1813-1

1. Ficção - Literatura infantojuvenil
I. Anton, Rafa. II. Título III. Série.

17-05065

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura infantojuvenil 028.5
2. Ficção : Literatura juvenil 028.5

Grafia conforme o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

1ª edição outubro de 2017

Todos os direitos reservados a

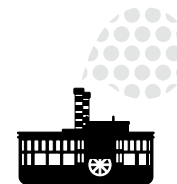
EDIÇÕES SM

Rua Tenente Lycurgo Lopes da Cruz 55

Água Branca 05036-120 São Paulo SP Brasil

Tel.: 11 2111 7400

www.edicoessm.com.br



BARCO
A VAPOR

Deslumbres e assombros

Lucas M. Carvalho

Ilustrações
Rafa Anton



SUMÁRIO

A casca do ovo	11
Era uma vez... ..	15
A menina que lia	21
A saída	29
Coisas grandiosas	33
A trilha	37
Os Jardins Sagrados	39
Um punhado de conselhos	45
O Caminho Molhado	51
Vasculhando	59
Laguna.....	67
Um capítulo qualquer	69
Aritnem	73
Um raro amigo	81
O abismo	87
A Capital.....	95
A recepção	97
Não	99
Real?.....	103

Oxímoro	109
O livro dentro do livro	115
Um passeio diminuto	119
Pequena trapaça.....	127
Aqui, ali ou lá	129
A Caverna Sinestésica	133
Omissões e intromissões	139
As coisas	143
Brincadeira sem fim	149
O Conselho das Matas	153
A montanha ali perto.....	157
Três sacrifícios.....	165
Belo mar.....	169
A Torre de Marfim	171
Desargumentos	177
Os povos.....	183
O (quase) final	187
A Terra das Noites Eternas	195
Os defeitos.....	199
As qualidades	203
O limiar	205
Entrada (ou saída?)	211
O Templo dos Tempos	213
Ouroboros	215
Uma escolha	219
O adeus de Ítaca	221

*Para Nicole,
a quem sempre dedicarei tudo.*

● A CASCA DO OVO

CERTA VEZ UM AVÔ DESOCUPADO resolveu contar a seus netos a história de um cavaleiro que enfrentava toda sorte de perigos para salvar uma princesa presa na torre. Enquanto esperava o herói vir salvá-la, ela lia, entendiada, uma história sobre um caçador de tesouros. Este se tornou famoso pela quantidade de joias encontrada, mas não rico o bastante, já que todo tesouro era vendido a preço de banana e revendido a milhões. Então, como não valia a pena buscar ouro mesmo, decidiu traduzir caracteres antigos e partiu em busca de uma tumba. Decifrando o texto das paredes, viu tratar-se de uma fábula entre dois irmãos: um rato e um pardal.

Você acha estranho os dois serem irmãos? Pois bem, digo que eram gêmeos, ainda por cima. O rato costumava roubar comida do vizinho, e o irmão, sábio pardal, vivia a lhe dizer: “O que vem

fácil uma vez de jeito nenhum vem outra vez”. Aconteceu que o vizinho mudou-se; o rato não tinha mais de quem roubar e acabou morrendo de fome. Calma, não chore, eu estava brincando, digamos que ele apenas passou um aperto... O pardal o repreendeu, falou até dizer chega e acabou por contar ao irmão a história do macaquinho de pele rosada, velho amigo seu, que gostava de pregar peças até o dia em que foi pego. Na ocasião, precisou dispor de talento para inventar uma mentira: disse que, em uma estrada distante, havia sido enfeitado por um velho baixinho e corcunda; essa era a causa de sua natureza tão traiçoeira.

O velho baixinho e corcunda — que na verdade era uma mentira do macaco, que, por sua vez, era amigo do pardal, personagem da fábula inscrita na parede da tumba que figurava no livro da princesa, cujas aventuras do cavaleiro o avô contava a seus netos (aliás, nem sei como esse avô entrou aqui) — vivia em um vilarejo que tinha uma história muito especial.

Essa história, contudo, ainda não é a que nos interessa. Prometo que estamos quase lá, mas antes algo tem de ficar claro. Uma história, por definição, precisa de alguém que a conte e alguém que a escute. Em um meio-termo, ela não é nada,

porque, antes que você a escute, ela ainda não existe; só passa a existir conforme eu a conto para você... Mas já não sei o que isso tem a ver com o que eu dizia.

Ah, sim! Encontramos nossa história. Não depende só de mim acordá-la, mas podemos tentar. Uma cutucada, e nada. Agora é sua vez. Não tenha pena da casca grossa desse ovo gigante. Se ele chocar, aviso que corremos o risco de não gostar do que vai nascer. Está confuso? Calma, daqui para frente só piora. Ou não. Vai depender do que sair daí. Parece que a casca está trincando e já se pode sentir o vapor quente que vem de dentro...

Do meio desse fulgor de pensamentos se condensa um núcleo que talvez pareça superficial demais, cru demais, recém-nascido demais. Mas não! Ele pode ter um início anterior ao que se pensa e ser maior e mais abrangente que um ovo gigante — talvez englobe a si mesmo e a seus criadores, em um *loop* sem começo nem fim, sem maior nem menor.

Pronta em seus detalhes, quente como o magma de um vulcão, condensando-se aos poucos e aguardando apenas um olhar de uma alma viva ou morta, a história se enlaça e se desenlaça, pronta para romper e nascer, materializando tudo,

dando início a uma linha temporal que, uma vez atida, quem poderá conter?

Está nervoso? Eu também.

Enquanto a casca trinca, despeçamo-nos, porque, depois que a energia líquida aí contida se espalhar, nem você nem eu seremos os mesmos. Muito menos eu, a voz que por livre vontade (ou pura falta de personalidade) apenas ecoa estas complexas palavras.

Era uma vez...

● ERA UMA VEZ...

ESTA HISTÓRIA SE PASSA naquele vilarejo, onde morava o velho baixinho e corcunda. Pensando bem, é outra história e, por consequência, outro vilarejo e outro velho baixinho e corcunda — este é incomparavelmente melhor. O vilarejo não tinha nome por um motivo simples: seus habitantes não conheciam vilarejos além daquele, então não podiam compará-lo com outros e diferenciá-los destes (até porque não havia outros, ora!). Como era o único para eles, chamava-se simplesmente Vilarejo.

É justo dizer que ele tinha cara de lembrança gostosa. Sua atmosfera fazia recordar um passado sem fim, trazia à tona as lembranças mais incertas e poderosas, daquelas que nos enchem de suspeitas quanto à veracidade e constituição. Meio sonho, meio real, mas sempre muito aconchegante. Também era um lugar pacato, o que não quer